

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

**ADRIELLE DA SILVA RODRIGUES**

**A AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**MEDIANEIRA**

**2014**

ADRIELLE DA SILVA RODRIGUES



**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DO  
ENSINO FUNDAMENTAL II**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Nelson dos Santos

**MEDIANEIRA**

**2014**



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### A AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Por

**Adrielle da Silva Rodrigues**

Esta monografia foi apresentada às **9h10min do dia 29 de março de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Nelson dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Maria Fatima Menegazzi Nicodem  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro

---

Prof. Lucas Schenoveber dos Santos  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
Membro

Dedico esta monografia primeiramente  
a Deus, a família e aos amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha mãe, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela presteza com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Métodos e Técnicas de ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço a minha amiga Zaady pelo companheirismo e por fazer as manhãs de sábado serem mais alegres.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos  
nós ignoramos alguma coisa. Por isso  
aprendemos sempre”.*

*(Paulo Freire)*

## RESUMO

RODRIGUES, Adrielle da Silva. A afetividade no processo de ensino aprendizagem do ensino fundamental II. 2014. 29. Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática a afetividade. Procurou-se analisar e compreender por meio de pesquisa bibliográfica, a relação de afetividade entre aluno e professor e qual a sua importância nos processos de ensino e aprendizagem do ensino fundamental II. Durante a pesquisa, foram analisadas obras de autores como Piaget, Henri Wallon, Paulo Freire. Pelas pesquisas observou-se que o professor tem papel fundamental na aprendizagem do aluno e que a afetividade é um aspecto importante que deve ser observado com seriedade pois pode oferecer contribuições importantes para a aprendizagem do aluno.

**Palavras-chave:** Relação afetiva. Aprendizagem. Aluno. Professor.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Adrielle da Silva. The affective relation on the teaching and learning process at elementary school.. 2014.29.Monografia (Especialização em Métodos e Técnicas de ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

The main theme of this work is affective relation. It was to analysed and understood by bibliographical research, Teacher-student relations lip and what is the importance of this relations to get the development of the teaching and learning process at the elementary school, focusing on the Piaget, Henri Wallon, Paulo Freire studies. Through these studies it was seen that the teacher is essential to student learning and the affection is an important aspect that contributes with this process.

**Keywords:** Affective relation. Learning process. Student. Teacher.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>11</b>
2.1	A AFETIVIDADE NA TEORIA PIAGETIANA.....	11
2.2	O QUE É AFETO? COMO ELE É “CONSTRUÍDO”?.....	16
2.3	AS PESQUISAS ATUAIS SOBRE A AFETIVIDADE.....	17
2.4	AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	20
2.5	QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM QUE LEVA EM CONSIDERAÇÃO A AFETIVIDADE?.....	22
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

Um dos temas que, há muito tempo, vem sendo discutido é a afetividade, principalmente no ambiente escolar. A afetividade implica diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização, nas interações e, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem da criança.

A afetividade é estudada em diversas áreas do conhecimento. Em linguagem geral, ter afeto é relacionar-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. Nas variadas literaturas, como a da psicologia, por exemplo, a afetividade está relacionada com diversos termos: emoção, humor, motivação, sentimento, atenção, temperamento, entre outros.

Desta maneira, o conceito de afetividade pode ser considerado como um conjunto: domínio das emoções, dos sentimentos, capacidade de entrar em contato com as sensações e com as vivências humanas. De acordo com Piaget (1986) que desenvolveu a Epistemologia Genética, a afetividade é um agente motivador; a afetividade e a razão constituiriam termos complementares: a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. No contexto escolar, devemos reconhecer que a afetividade faz parte do processo de construção do conhecimento, a afetividade na escola proporciona autoconfiança, autoestima, por meio de uma relação segura, alunos e professores trabalham a troca de experiências, facilitando a comunicação. Assim, o aprender se torna mais interessante.

Por meio de pesquisa bibliográfica, se procurou saber, a respeito da influência do professor no processo de ensino aprendizagem do aluno, se ambos não se gostam, fica muito mais difícil aprender, pois a afetividade, muitas vezes, pode determinar o sucesso ou o fracasso de um aluno na escola.

Aprender deve estar ligado ao ato afetivo. Se o aluno é motivado pelo professor, a aprendizagem se torna fácil, o equilíbrio emocional contribui para o processo de aprendizagem, há uma relação de troca.

Segundo o olhar de Piaget (1986), a afetividade aparece como um aspecto necessário, complementar e indissociável no desenvolvimento intelectual do ser humano.

São apresentadas, nesta pesquisa bibliográfica, as publicações recentes sobre o tema, quais são as contribuições da afetividade para o processo de ensino aprendizagem, apontadas por pesquisas já realizadas e algumas reflexões sobre a aprendizagem no ensino fundamental II.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A iniciativa da pesquisa fundamenta as diferenças entre emoção e afeto. Os conceitos são bastante distinguidos pelos teóricos. Segundo Piaget (1977, p.16), o afeto é papel fundamental no funcionamento da inteligência do homem, pois a vida afetiva e cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização.

Entretanto, sem o afeto, não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, e sem eles, não há desenvolvimento cognitivo, pois a afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra.

Para Piaget (1977), a criança, no início de sua vida não tem consciência do próprio eu, e vive num processo de indiferenciação. Assim, a afetividade está basicamente centrada em seu próprio corpo e em suas próprias ações. Quando ela toma consciência de si suas relações tornam-se objetais, e o outro se torna objeto de afeto, aí se inicia a decifração afetiva.

No espaço da sala de aula acontecem os grandes encontros, a troca de experiências, as discussões e interações entre os alunos, o carinho, a ajuda, enfim as relações afetivas existentes entre professor-aluno. Também é nesse espaço que o professor observa seus alunos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor.

### 2.1 A AFETIVIDADE NA TEORIA PIAGETIANA

Por muito tempo Piaget(1977)desenvolveu pesquisas e observações, e documentou que o afeto desempenha um papel muito importante no funcionamento da inteligência. O desenvolvimento intelectual possui dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Sendo assim, o desenvolvimento afetivo e cognitivo são inseparáveis, mas diferentes. “Não se pode raciocinar, inclusive em matemática sem vivenciar certos sentimentos, e que por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.”

Toda ação e pensamento permitem um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética que é a afetividade. Cognição e afetividade se completam uma dando suporte a outra. Se não há afeto não existe interesse, motivação pela aprendizagem, não há questionamento e sem eles, não há desenvolvimento mental.

O desenvolvimento cognitivo tem um período inicialmente centrado na própria ação para a construção de um universo objetal e descentrado. De uma forma semelhante, a afetividade evolui de uma diferenciação entre si própria e os que a rodeiam para aos poucos elaborar e construir um sentimento único e individual. Os dois aspectos, cognitivo e afetivo evoluem. No início estão voltados no sujeito e nas suas necessidades, para então se dirigirem ao outro.

Segundo Piaget (1977), o afeto pode antecipar ou retardar a formação das estruturas cognitivas, embora condição necessária, somente ele não é condição suficiente. O afeto antecipa o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. Piaget admite que desregulações de modo afetivo podem obstruir o funcionamento da atividade cognitiva. A afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pelo aspecto afetivo.

Piaget (1977) enfatiza que a afetividade precede as funções das estruturas cognitivas e que os estágios da afetividade correspondem exatamente aos estágios de desenvolvimento das estruturas.

Piaget considera 4 períodos no processo evolutivo da espécie humana que são caracterizados "por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor" no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento, são eles:

- 1º período: Sensório-motor (0 a 2 anos)
- 2º período: Pré-operatório (2 a 7 anos)
- 3º período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos)
- 4º período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante)

Cada uma dessas fases é caracterizada por formas diferentes de organização mental que possibilitam as diferentes maneiras de o indivíduo relacionar-se com a realidade que o rodeia. De uma forma geral, todos os indivíduos vivenciam essas 4 fases na mesma sequência, porém o início e o término de cada uma delas pode sofrer variações em função das características da estrutura biológica de cada indivíduo e da riqueza (ou não) dos estímulos proporcionados pelo meio ambiente em que ele estiver inserido. Abordaremos, a seguir, as principais características de cada um desses períodos.

**Período Sensório-motor (0 a 2 anos):** segundo La Taille (1992), Piaget usa a expressão "a passagem do caos ao cosmo" para traduzir o que o estudo sobre a construção do real descreve e explica. De acordo com a tese piagetiana, "a criança nasce em um universo para ela caótico, habitado por objetos evanescentes (que desapareceriam uma vez fora do campo da percepção), com tempo e espaço subjetivamente sentidos, e causalidade reduzida ao poder das ações, em uma forma de onipotência" (id ibid). No recém-nascido, portanto, as funções mentais limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos inatos. Assim sendo, o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos (como a sucção, o movimento dos olhos, por exemplo).

Progressivamente, a criança vai aperfeiçoando tais movimentos reflexos e adquirindo habilidades e chega ao final do período sensório-motor já se concebendo dentro de um cosmo "com objetos, tempo, espaço, causalidade objetivados e solidários, entre os quais situa a si mesma como um objeto específico, agente e paciente dos eventos que nele ocorrem" (id ibid).

**Período pré-operatório (2 a 7 anos):** para Piaget, o que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, é a emergência da linguagem. Na linha piagetiana, desse modo, a linguagem é considerada como uma condição necessária mas não suficiente ao desenvolvimento, pois existe um trabalho de reorganização da ação cognitiva que não é dado pela linguagem, conforme alerta La Taille (1992). Em uma palavra, isso implica entender que o desenvolvimento da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência.

Todavia, conforme demonstram as pesquisas psicogenéticas, a emergência da linguagem acarreta modificações importantes em aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança, uma vez que ela possibilita as

interações interindividuais e fornece, principalmente, a capacidade de trabalhar com representações para atribuir significados à realidade. Tanto é assim, que a aceleração do alcance do pensamento neste estágio do desenvolvimento, é atribuída, em grande parte, às possibilidades de contatos interindividuais fornecidos pela linguagem.

Contudo, embora o alcance do pensamento apresente transformações importantes, ele caracteriza-se, ainda, pelo egocentrismo, uma vez que a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte, devido à ausência de esquemas conceituais e da lógica. Para citar um exemplo pessoal relacionado à questão, lembro-me muito bem que me chamava à atenção o fato de, nessa faixa etária, o meu filho dizer coisas do tipo "o meu carro do meu pai", sugerindo, portanto, o egocentrismo característico desta fase do desenvolvimento. Assim, neste estágio, embora a criança apresente a capacidade de atuar de forma lógica e coerente (em função da aquisição de esquemas sensoriais-motores na fase anterior) ela apresentará, paradoxalmente, um entendimento da realidade desequilibrado (em função da ausência de esquemas conceituais), conforme salienta Rappaport (op.cit.).

**Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos):** neste período o egocentrismo intelectual e social (incapacidade de se colocar no ponto de vista de outros) que caracteriza a fase anterior dá lugar à emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e coerente. Um outro aspecto importante neste estágio refere-se ao aparecimento da capacidade da criança de interiorizar as ações, ou seja, ela começa a realizar operações mentalmente e não mais apenas através de ações físicas típicas da inteligência sensório-motor (se lhe perguntarem, por exemplo, qual é a vareta maior, entre várias, ela será capaz de responder acertadamente comparando-as mediante a ação mental, ou seja, sem precisar medi-las usando a ação física).

Contudo, embora a criança consiga raciocinar de forma coerente, tanto os esquemas conceituais como as ações executadas mentalmente se referem, nesta fase, a objetos ou situações passíveis de serem manipuladas ou imaginadas de forma concreta. Além disso, conforme pontua La Taille (1992, p. 17) se no período pré-operatório a criança ainda não havia adquirido a capacidade de reversibilidade, "a capacidade de pensar simultaneamente o estado inicial e o estado final de

alguma transformação efetuada sobre os objetos (por exemplo, a ausência de conservação da quantidade quando se transvaza o conteúdo de um copo A para outro B, de diâmetro menor)", tal reversibilidade será construída ao longo dos estágios operatório concreto e formal.

**Período das operações formais (12 anos em diante):** nesta fase a criança, ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, já consegue raciocinar sobre hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal. "Com isso, a criança adquire capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta: discute valores morais de seus pais e constrói os seus próprios (adquirindo, portanto, autonomia)".

De acordo com a tese piagetiana, ao atingir esta fase, o indivíduo adquire a sua forma final de equilíbrio, ou seja, ele consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá durante a idade adulta.

Há entre eles, uma correspondência e não uma sucessão. A afetividade, é um fator fundamental na socialização, compreende sentimentos (simpatia, emoções, prazer, vontade) e elementos energéticos (interesses, esforços). Piaget enfatiza que existe um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual, esse paralelismo continuará por todo desenvolvimento até a adolescência. Afetividade e cognição são indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana. (PIAGET, 1986)

Um outro tema relacionado com afetividade e cognição, são os valores. Piaget considera os valores como pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos, que posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito. Os valores se originam, assim do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo, a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.



## 2.2 O QUE É AFETO? COMO ELE É “CONSTRUÍDO”?

O ser humano é social por natureza. Começamos a nos relacionar ao nascermos, quando passamos a fazer parte da sociedade, da família. Durante o desenvolvimento de nossas vidas, vivenciamos diversas situações. Fazemos parte de diversos grupos sociais. Aprendemos e ensinamos, na medida que experimentamos o mundo que nos cerca e nele interagimos.

A palavra *afeto* (vem do latim *affectu*), é um sentimento de afeição para ou por alguém, é amizade, é simpatia, é paixão. A afetividade acompanha o ser humano durante toda sua vida e cumpre um papel fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. A afetividade abrange o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e cogita sempre a capacidade de experimentar o mundo de maneira subjetiva. A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações.

Segundo Piaget (1979), tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Está presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todos os campos da vida.

Inteiramente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifesta dentro dele. A maioria dos fatos e acontecimentos na vida de uma pessoa trazem recordações e experiências. Dessa maneira, a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá. Também determina a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto dos outros consegue crescer e desenvolver com segurança e determinação.

A afetividade pode determinar a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou não, impõe uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois polos a depressão e a euforia.

Assim, a afetividade é que confere o modo de relação do indivíduo à vida e será através da tonalidade desse estado de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente a afetividade exerce uma grande influência sobre o pensamento e sobre todo o comportamento do indivíduo.

Trata-se de uma qualidade vivencial do indivíduo em relação ao objeto, do tipo de estado em que ele está na vivência atual desse objeto. O objeto pode ser uma coisa, pessoa, acontecimento externo, perspectivas futuras ou algo relativo ao estado de seu corpo – vivências externas. Existem também as vivências internas, representadas pelos conteúdos ou acontecimentos mentais.

Podemos pensar na afetividade como um energético capaz de impulsionar as pessoas para a vida, como uma energia psíquica dirigida ao relacionamento do ser com sua vida, como o humor necessário para valoração das vivências. Colore todo relacionamento do sujeito com o objeto, faz com que os fatos sejam percebidos e estimulam este ou aquele sentimento.

A afetividade está sempre ocorrendo no indivíduo. Todos os conteúdos, as vivências, possuem sempre um conteúdo afetivo. Nas vivências de significado afetivo, ele é o conteúdo prevalente. No entanto, mesmo naquelas praticamente sem significado afetivo, como, por exemplo, na atividade exclusivamente cognitiva do raciocínio, existe um componente afetivo. Ela é, portanto, uma atividade.

Apesar de serem estados passivos, os estados afetivos não são estáticos, rígidos. Ao contrário, eles são essencialmente dinâmicos.

Afetos são os atributos da pessoa que qualificam os objetos do mundo interno e externo. Em relação à unidade-sujeito, em relação ao “eu”, os afetos nos permitem dizer: eu estou triste, alegre, interessado, amando, com raiva. É sempre um estado em que eu estou. Deste modo, afetos são estados do “eu”.

## 2. 3 AS PESQUISAS ATUAIS SOBRE A AFETIVIDADE

A afetividade não é um tema contemporâneo, mas histórico. De uma maneira geral, as pessoas precisam relacionar-se. Desde os primórdios, quando os seres humanos começaram a viver em sociedade, procuram maneiras de melhorar

essas relações, daí surgiram, por exemplo, as regras, que mais tarde viraram leis que auxiliaram nesse processo.

De acordo com a tradição, na educação moderna (séc. XVI ao XX), temos privilegiado a formação lógica da mente, através dos conteúdos científicos, do conceito de que “conhecer é poder”. O termo “conhecer” refere-se ao conhecimento cognitivo considerado “certo”.

A partir do desenvolvimento cultural humano, a afetividade passou a ter um papel muito importante nas relações interpessoais. Afetividade esta, que já começa no campo familiar, onde as pessoas já ao nascerem, são acolhidas por laços afetivos.

O desenvolvimento humano não acontece somente relacionado aos aspectos cognitivos, mas também e principalmente aos aspectos afetivos. O homem precisa ser ouvido, acolhido e valorizado, e isso contribui para a construção da sua autoestima, para que se sintam confiantes para enfrentar os desafios. Então, a importância de uma relação está nas pessoas envolvidas.

Recentemente melhorou a compreensão da importância da dimensão afetiva no processo de ensino e aprendizagem. Até pouco tempo, as pesquisas na área de educação eram direcionadas quase sempre para o aspecto cognitivo, desconsiderando a dimensão afetiva do ser humano. A divergência entre razão e emoção predominou nos estudos e pesquisas sobre o comportamento humano por muito tempo.

Pesquisas recentes na área da Psicologia Educacional demonstram que a presença da dimensão afetiva, principalmente no contexto escolar é muito importante.

Estas pesquisas desfazem a visão dualista do homem, que separa razão e emoção, impedindo uma compreensão do conjunto e complexidade humana. Essa superação da visão anteriormente estabelecida toma como pressuposto o fato de que o ser humano deve ser entendido como um todo: assume-se que as dimensões afetiva e cognitiva são indissociáveis no processo de desenvolvimento humano.

As correntes pedagógicas passaram a reconhecer a importância da afetividade nas atividades cognitivas e defender que afetividade e inteligência “andam” juntas: a consciência afetiva dá origem à atividade cognitiva. A relação professor-aluno deve ser a mais próxima possível, repleta de sentimento e respeito de ambas as partes, o elo afetivo é um grande facilitador no processo ensino-aprendizagem, pois existindo este elo o aluno passa a não se sentir sozinho, pelo

contrário se sentirá acolhido, e quando for feita a apresentação do conteúdo, as dificuldades serão percebidas e aceitas como parte do processo de ensino-aprendizagem, dando assistência para que haja a superação das dificuldades facilitando assim o aprendizado. A afetividade no contexto social ou educacional torna as relações mais produtivas, pois se estiver aliada a sentimentos de respeito, gentilezas, compreensão, etc., pode fazer com que o relacionamento se torne mais próximo e as interações permitam mais e melhores trocas.

De acordo com Cunha (2008, p.51) “em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que muitas vezes, estão fechados.”

Sendo assim, o afeto desenvolvido em sala de aula é um álibi poderoso auxiliando o professor na transmissão do conhecimento, proporcionando ao aluno a superação de aspectos emocionais, promovendo a interação entre professor e aluno.

Durante o processo de aprendizagem é necessário frisar a importância de aprender e ensinar a lutar pelo resultado que se quer. É imprescindível que exista uma reflexão e questionamento constante quanto à existência humana, a fim de identificar e alcançar os objetivos mais pacatos e valiosos do ato de educar.

Ainda segundo Cunha (2008, p.69) “há professores – mesmo com pouquíssimos recursos – que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências”. Além disso, é possível constatar que um bom relacionamento entre professor e aluno reflete muito no processo de ensino - aprendizagem, trazendo um bom resultado, na receptividade e na absorção dos conteúdos.

O professor por meio do seu relacionamento consecutivo com o aluno consegue formar no educando diversos aspectos socioemocionais e afetivos.

Um relacionamento positivo proporciona mudanças favoráveis, acentuando no educando o desejo em adquirir novos conhecimentos.

As interações sociais vividas entre os alunos e professores estabelecem uma mediação facilitando a troca de conhecimento, por meio das vivências das relações humanas, ou seja, a aprendizagem vai ocorrendo de forma grupal e afetiva através da força dos relacionamentos entre professores e alunos.

Seguindo o pensamento de Comenius (2011, p. 187) “antes de se iniciar qualquer estudo, deve-se despertar um profundo amor nos estudantes, procurando

atraí-los por meio da importância, da utilidade e do encanto do tema tratado”. Com a influência da afetividade o professor pode despertar no aluno a busca do conhecimento, sendo um mediador na transmissão do processo ensino-aprendizagem e estimulando a vontade do educando de ir em busca de novas descobertas.

## 2.4 AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Não faz muito tempo que a afetividade passou a ser considerada um elemento importante nas práticas pedagógicas, pois a visão que se tinha era que o trabalho em sala de aula envolvia apenas a dimensão cognitiva do aluno.

Até o século XX, a razão era que predominava sobre a emoção e isso refletia diretamente nas escolas, pois a razão era vista como a dimensão mais importante do processo ensino-aprendizagem. A afetividade e a emoção estão presentes em diversos tipos de relações, dentre elas a relação sujeito-objeto. A pessoa se constitui a partir do seu envolvimento com o meio e entramos em contato com os objetos culturais a partir de intercessão de alguém. Primeiramente, dos nossos pais, no campo familiar, e em seguida pelos professores.

O afeto é algo que se tornou essencial na educação atual para um ensino-aprendizagem digno, pois é através do relacionamento entre diretores, professores, alunos e pessoal administrativo das escolas, que o educando se motiva e interessa pelo conhecimento. Obtendo afeto, o aluno adquire todas as condições necessárias para se sentir bem e acolhido. Assim, para que tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente escolar, e no social, é necessário estabelecer relações positivas.

Sabendo do elo existente entre afeto e cognição, percebemos que uma boa relação entre as pessoas que fazem parte de um determinado grupo (grupo escolar) é essencial para tornar o ambiente da sala de aula agradável á aprendizagem. E isto se torna mais essencial quando se envolve crianças que estão ampliando suas redes de relação. Elas precisam sentir-se acolhidas e perceber a

sua importância no ambiente novo de permanência. Sendo assim, a forma como se dá as mediações, interfere na relação que se estabelecerá entre o aluno e o espaço sala de aula e também entre o aluno e o conhecimento implicando na disposição desses para a aprendizagem.

Sendo o professor o mediador entre o aluno e o conhecimento dentro da sala de aula, cabe a ele buscar e utilizar os melhores meios para que a mediação seja feita com sucesso. O educador deve reconhecer o começo da integração funcional, para entender que a aprendizagem acontece não apenas a partir do trabalho de conteúdos cognitivos, mas que os aspectos orgânicos e afetivos têm forte participação. A realidade e a história de vida dos alunos é algo que deve ter bastante valor na escolha dos conteúdos e na forma como estes serão mediados, por isso é preciso que os professores busquem conhecer seus alunos, pois dessa forma poderão proporcionar uma aprendizagem significativa, fazendo com que eles percebam a relação entre o que está aprendendo e qual será a função disso na sua vida prática. Conhecendo a história de vida, seus medos, suas perspectivas, o professor começa a olhar o seu aluno como um ser exclusivo, levando em consideração suas especificidades

É de extrema importância o educador considerar as expressões afetivas do seu aluno, que podem ser mostradas por gestos, expressões faciais, postura, comportamento. Havendo uma relação aluno-professor que permita identificar os pontos positivos e negativos, cria-se uma reflexão sobre as atitudes de ambas as partes, em que o principal objetivo é um convívio respeitoso e significativo em aprendizagens.

O ambiente da sala de aula é cheio de emoções, principalmente quando os alunos que a compõe são crianças. Estas são repletas de desejos e necessidades, e muitas vezes veem a escola como um meio de supri-las.

Compete ao professor buscar conhecer mais seus alunos, a presença do afeto positivo, pode facilitar a dinâmica e amenizar situações conflituosas, pois havendo convivência entre esses sujeitos surge um sentimento de respeito e o desejo de não magoar, nem decepcionar o outro. Sendo assim, é de extrema importância que as relações afetivas sejam significativas, pois uma experiência vivenciada pelo aluno com relação ao professor com certeza deixa alguma marca.

## 2.5 QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM QUE LEVA EM CONSIDERAÇÃO A AFETIVIDADE?

O sentimento de afetividade é muito importante e contribui para que um professor seja considerado eficiente e é prazeroso e motivador o aluno sentir-se importante, valorizado. O professor deve conhecer os alunos, sua família, a comunidade, analisar a escola onde trabalha, assim como reconhecer tudo o que se apresenta como problema.

Os professores devem entender seus sentimentos, buscar ações para as diversas dificuldades que os alunos apresentam, enfim, preocupar-se com o aluno por inteiro, tendo sensibilidade para entendê-lo. Buscar ações que o valorizem, independente de seu grau de desenvolvimento.

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159).

Os métodos de ensino acontecem a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, de suas condições humanas e de trabalho. Desta forma, esse desenvolvimento tem que ser realizado nas interações entre todos: diretores, professores, pais, alunos e servidores administrativos, cujo objetivo tem que estar voltado não só para a satisfação das necessidades básicas, como também para a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção, acompanhada do afeto, sobre as demais atividades.

Não há uma maneira correta a respeito da melhor forma de administrar os conflitos que infelizmente surgem, mesmo porque isso vai depender do equilíbrio, maturidade e sabedoria de cada um. Mas essa sabedoria pode ser conquistada. Isso levando em conta os dois lados, professor e aluno.

O afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos dentro e fora da sala de aula. É de acordo com o grau de afeto apresentado entre as duas

classes que a interação se realiza e constrói-se um conhecimento altamente envolvente.

Quando acontece o clima de afeto e compreensão está se formando uma relação facilitadora e, através de um ambiente repleto de afeto, o professor tem a capacidade de elevar a autoestima do educando.

Um adolescente que gosta do professor vai procurar agradá-lo, isso faz com que ele consiga assimilar o aprendizado de uma forma mais clara e com mais interesse. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget que (1979, p. 33), “é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar”. Lembrando que todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo em que são objeto de conhecimento, são também de afeto, segundo explicação do próprio autor.

O professor então adquire um novo papel, o de ser um permanente pesquisador, buscando novas formas de ensinar, estudando como seu aluno constrói seus conhecimentos e como a afetividade pode funcionar de forma positiva na formação de indivíduos criativos e transformadores.

A confiança é um dos aspectos que os alunos consideram muito, ela é uma ferramenta para a participação no sucesso e na conquista de seu educando. O professor querendo ou não é referência, é aquele que orienta e auxilia o aluno em suas atividades, seus objetivos e projetos. Por outro lado, o professor também cresce e se sente realizado quando percebe que conseguiu transmitir todo o ensinamento para o aluno de uma forma tranquila, sem castigos, sem punições.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema trabalhado foi a afetividade no processo de ensino aprendizagem do ensino fundamental II, evidenciando que a afetividade é uma mescla de muitos sentimentos e que todas as relações, quer sejam familiares, profissionais educacionais devem e precisam ser permeadas pela afetividade, e esta pode ser corroborada por todos, em toda a faixa etária e em todo nível social e cultural.

Todas as pessoas necessitam de afeto, em uma sala de aula não é diferente, pois a relação que é estabelecida entre o professor e o aluno requer a presença da afetividade.

Quando existe a presença do afeto na ação de ensinar, há uma reciprocidade por parte do aluno, o afeto permeia o relacionamento, é necessário que os professores se questionem, a fim de tomarem consciência necessária da importância desse afeto, para buscar recursos de melhoria nesse sentido. Um dos grandes problemas na relação professor-aluno é a oposição que o professor encontra em assumir sua parcela de contribuição, no desgaste da relação com o educando. Somente a teoria não é suficiente para preencher a necessidade que se tem em conhecer cada vez mais como ocorrem os fatos diante das relações humanas.

As necessidades de amor e afeto precisam ser atendidas para que haja motivação, pois os alunos sentem quando o professor gosta de verdade de cada um deles e isso os estimula a aprender e a crescer.

Trabalhar com os aspectos cognitivos e afetivos exige uma diversificação de atitudes, para atender às diferentes demandas escolares e sociais o professor tem que ter uma formação permanente para poder trabalhar com todo tipo de aluno, não ser levado por aparências, rótulos e julgamentos, possibilitando a transformação da prática educativa. Os professores com estratégias bem definidas são essenciais para que o aluno desenvolva afetos e conseqüentemente interesse em aprender. Isso faz com que os educandos sintam-se resolvidos para encarar a vida, dominar problemas e desafios novos, levando-os à autoconfiança e autoestima.

Sem o fator afetivo na relação professor-aluno, corre-se o risco de se trabalhar com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o lado

humano, que constitui o sujeito com seus valores e caráter para seu desenvolvimento.

O amor, o afeto é a chave para a educação. Os professores devem valorizar o aluno, dando amor, afeto, carinho, que leva à autoestima. Dar meios, elementos, para que os alunos resolvam os problemas, encontrem soluções, enfrentem desafios.

Enfim, compreende-se que a educação é provocadora de reflexões, portanto, o professor deve acompanhar esse processo de mudanças e reflexões, na busca de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas e através do afeto criar laços de múltiplas aprendizagens.

## REFERÊNCIAS

COMENIUS, Johann Amós. **Didática Magna**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Y. **Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget**. In: LA TAILLE, Y. (Org.) Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.